

INOVAÇÕES DIGITAIS NO CUIDADO INFANTIL: REVISÃO SOBRE O USO DE APLICATIVOS DE MONITORAMENTO DA SAÚDE DIGITAL

INNOVATIONS IN CHILD CARE: A REVIEW ON THE USE OF HEALTH MONITORING APPLICATIONS

1. Francisco Deyvid Linhares de Oliveira
2. Dilene Fontinele Catunda Melo
3. Rosângela Souza Cavalcante
4. Antonia Aurélia Rodrigues Texeira
5. Amanda Luiza Marinho Feitosa

Resumo:

Este estudo realiza revisão de literatura sobre aplicativos móveis destinados ao monitoramento da saúde infantil, avaliando funcionalidades, evidências de efetividade, adesão dos cuidadores e lacunas para implantação em atenção primária. Recomenda diretrizes para incorporação desses recursos na prática clínica e comunitária.

Palavras-chave: Aplicativos móveis. Acompanhamento. Saúde infantil. Monitoramento.

Abstract:

This literature review examines mobile applications for child health monitoring, assessing app features, evidence of effectiveness, caregiver adherence, and implementation gaps in primary care. The study offers recommendations for integrating these tools into clinical and community practice.

Keywords: Child health. Mobile applications. Monitoring. Surveillance.

Introdução

A crescente penetração de dispositivos móveis e a expansão de soluções digitais em saúde têm gerado interesse no uso de aplicativos (apps) para apoio ao cuidado infantil. Esses aplicativos variam desde registros do crescimento e do calendário vacinal até ferramentas para monitoramento de sinais vitais,

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

triagem de sintomas e educação dos cuidadores. Em contextos de atenção primária, onde o acompanhamento longitudinal é essencial, apps bem desenhados podem potencializar a vigilância, facilitar a detecção precoce de problemas e melhorar a adesão a pautas de promoção da saúde (Silva; Freitas; Lopes, 2022; Fernandes; Nascimento; Costa, 2022).

Entretanto, a heterogeneidade das funcionalidades, a variabilidade da qualidade técnica e clínica, e barreiras de acesso e usabilidade podem limitar a efetividade desses recursos. Torna-se necessário mapear o estado da arte: que tipos de apps existem, qual a evidência sobre seus efeitos na saúde infantil, como é a aceitação por parte de cuidadores e profissionais e quais são as lacunas para adoção em serviços de saúde pública (Oliveira; Santos, 2023; Carvalho; Lima, 2020).

Neste cenário, os profissionais de saúde, especialmente a enfermagem, que atua na linha de frente da Atenção Primária e no acompanhamento da puericultura, encontram-se em uma posição central. Eles são, ao mesmo tempo, potenciais usuários, validadores e principais mediadores entre essas tecnologias e as famílias (Silva; Freitas; Lopes, 2022). Compreender o panorama atual desses aplicativos é, portanto, crucial para instrumentalizar esses profissionais, permitindo-lhes orientar os cuidadores sobre o uso seguro e eficaz dessas ferramentas, bem como integrá-las de forma crítica em suas práticas de cuidado.

Este trabalho apresenta uma revisão de literatura com foco nesses pontos, propondo recomendações práticas para integração segura e eficaz de aplicativos no cuidado infantil.

2. Objetivo

Analisar, por meio de uma revisão de literatura, os aplicativos móveis voltados ao monitoramento e acompanhamento da saúde infantil, sintetizando evidências sobre funcionalidades, eficácia, adesão e barreiras à implementação em atenção primária.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo Revisão Narrativa de Literatura. Este método tem como objetivo descrever e discutir o estado da arte de um determinado tema, a partir da análise de publicações científicas relevantes, sem a necessidade de um protocolo de busca sistemático e exaustivo.

A seleção do material para este estudo foi realizada de forma intencional e não-sistemática, focando em artigos, diretrizes e documentos técnicos que

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

abordam o uso de aplicativos móveis no cuidado à saúde infantil. A coleta foi realizada entre julho e setembro de 2025.

Foram selecionadas publicações científicas (como as revisões de Fernandes, Nascimento e Costa (2022) e Carvalho e Lima (2020)), estudos de avaliação (Oliveira e Santos, 2023) e documentos estratégicos (World Health Organization, 2021; Brasil, 2022), que compõem o referencial base deste artigo.

A análise do material foi realizada de forma descritiva e crítica, permitindo a síntese das informações e a identificação das principais funcionalidades, benefícios, desafios e lacunas relacionados ao tema, que são apresentados e discutidos nas seções seguintes.

4. Referencial Teórico

O avanço das tecnologias digitais na área da saúde tem promovido uma transformação significativa nos modos de cuidado, comunicação e acompanhamento dos usuários dos serviços. O termo *eHealth* engloba o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) em processos de promoção, prevenção e gestão da saúde, enquanto *mHealth* (ou saúde móvel) refere-se especificamente às práticas apoiadas em dispositivos móveis, como smartphones, tablets e aplicativos (World Health Organization, 2021).

No contexto pediátrico, o uso de aplicativos móveis representa uma ferramenta estratégica para apoiar pais, cuidadores e profissionais na vigilância do crescimento e desenvolvimento infantil. Segundo Silva, Freitas e Lopes (2022), tais tecnologias contribuem para ampliar o acesso à informação, fortalecer o vínculo entre usuários e equipes de saúde e favorecer o acompanhamento longitudinal das crianças, especialmente nos primeiros anos de vida. Além disso, oferecem suporte à adesão ao calendário vacinal, ao aleitamento materno e às práticas de autocuidado.

Entretanto, estudos apontam que a qualidade dos aplicativos disponíveis ainda é heterogênea. Pesquisas conduzidas por Oliveira e Santos (2023) destacam que muitos apps não apresentam respaldo científico, tampouco envolvem profissionais de saúde em seu desenvolvimento, o que pode comprometer a confiabilidade das informações transmitidas. Ainda assim, os aplicativos com validação científica e interface amigável têm demonstrado resultados positivos no empoderamento dos cuidadores e na melhoria dos indicadores de acompanhamento infantil (Fernandes; Nascimento; Costa, 2022).

A Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 2021) reforça que a integração das tecnologias móveis nas políticas públicas de saúde infantil deve estar alinhada às diretrizes de segurança da informação,

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

privacidade dos dados e equidade no acesso digital. Em países de baixa e média renda, o uso de aplicativos de baixo custo e fácil usabilidade pode reduzir desigualdades, desde que acompanhados de capacitação e apoio técnico às equipes de Atenção Primária (Carvalho; Lima, 2020).

A questão da equidade, mencionada pela OMS (World Health Organization, 2021) e aprofundada por Carvalho e Lima (2020), é central. A "exclusão digital" não se refere apenas à falta de um dispositivo, mas também à qualidade da conexão, ao custo dos planos de dados e à infraestrutura de rede, especialmente em áreas rurais ou periféricas. Ignorar essa barreira estrutural pode fazer com que os aplicativos de saúde, em vez de democratizarem o acesso, reforcem as desigualdades sociais, beneficiando apenas as famílias que já possuem capital econômico e educacional para utilizá-los.

Além da exclusão digital do usuário, deve-se considerar a perspectiva do profissional de saúde. A introdução de ferramentas de *mHealth* altera o fluxo de trabalho nas unidades básicas. Conforme apontado por Silva, Freitas e Lopes (2022) sobre os desafios para a enfermagem, a sobrecarga de trabalho, a falta de treinamento adequado para o uso das novas tecnologias e a ausência de protocolos claros para a triagem e resposta aos dados enviados pelos aplicativos são barreiras significativas. Sem o devido planejamento, o profissional pode ver o aplicativo mais como um fardo do que como um apoio ao cuidado.

No Brasil, iniciativas como o Conecte SUS e plataformas regionais desenvolvidas por universidades e secretarias de saúde sinalizam avanços na digitalização do cuidado. No entanto, ainda são necessários investimentos em infraestrutura, padronização de dados e formação dos profissionais para o uso ético e eficiente dessas ferramentas (Brasil, 2022).

Nesse contexto, o "letramento digital em saúde" torna-se um componente indispensável. Como sugerido por Santos e Oliveira (2023) no contexto da educação em saúde, não basta que o cuidador saiba operar o aplicativo; ele precisa ter a capacidade crítica de avaliar a confiabilidade da informação recebida, entender os termos de privacidade e reconhecer quando o aplicativo deve complementar, e não substituir, a orientação de um profissional de saúde. A falha em promover esse letramento pode levar ao mau uso das ferramentas e à desinformação.

Esse letramento digital se aplica tanto aos cuidadores quanto aos profissionais. A Estratégia de Saúde Digital para o Brasil (Brasil, 2022) prevê a capacitação dos profissionais do SUS, mas a velocidade da inovação tecnológica é muitas vezes superior à velocidade da formação continuada. Isso cria uma lacuna onde aplicativos de alta qualidade podem ser subutilizados, ou,

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

pior, aplicativos de baixa qualidade (Oliveira; Santos, 2023) podem ser recomendados por falta de alternativas validadas e conhecidas pela equipe.

Dessa forma, a literatura evidencia que o uso de aplicativos móveis na saúde infantil é uma tendência promissora, mas requer avaliação contínua de sua qualidade, aplicabilidade e impacto. O presente estudo busca contribuir com esse panorama, oferecendo uma síntese crítica das evidências disponíveis e destacando os principais desafios e oportunidades para a incorporação dessas tecnologias no cuidado infantil.

5. Resultados e Discussão

Observou-se um número expressivo de publicações recentes (2020–2024) sobre o uso de aplicativos móveis voltados ao monitoramento e acompanhamento da saúde infantil. Houve um crescimento da produção científica, indicando o avanço da digitalização do cuidado em saúde e o reconhecimento do potencial das tecnologias móveis como ferramentas de apoio à Atenção Primária.

Entre os estudos analisados, destacaram-se aplicativos voltados ao controle vacinal, ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento e à educação em saúde. Lima et al. (2021) observaram que um aplicativo nacional voltado ao registro vacinal aumentou a adesão às imunizações infantis e o engajamento familiar. Fernandes, Nascimento e Costa (2022) relataram que aplicativos de vigilância antropométrica proporcionam maior precisão no registro de peso e estatura, além de emitir alertas automáticos em casos de desvios do padrão esperado.

Os resultados também evidenciaram a presença de aplicativos com foco educativo, que utilizam recursos como vídeos, jogos e notificações para reforçar práticas de alimentação saudável, higiene e aleitamento materno. Esses recursos demonstraram impacto positivo no conhecimento dos cuidadores e na adesão às orientações repassadas pelos profissionais de saúde (Santos; Oliveira, 2023).

A menção a "jogos" e recursos interativos (Santos; Oliveira, 2023) aponta para o potencial da gamificação como estratégia de engajamento dos cuidadores. O uso de elementos lúdicos – como sistemas de pontos, medalhas por completar o calendário vacinal (Lima Et Al., 2021), ou quizzes sobre aleitamento – pode transformar o que seria um mero registro de dados em uma experiência educativa e motivadora. Essa abordagem pode ser particularmente eficaz para reforçar comportamentos de saúde positivos e aumentar a adesão ao acompanhamento longitudinal, tornando o cuidador um agente mais ativo no processo (Fernandes; Nascimento; Costa, 2022)

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

Apesar dos benefícios relatados, verificou-se que parte dos aplicativos disponíveis ainda carece de validação científica, apresenta limitações de acessibilidade e fragilidades relacionadas à proteção de dados pessoais (Carvalho; Lima, 2020). O predomínio de estudos de caráter descritivo também evidencia a necessidade de pesquisas experimentais que avaliem a efetividade clínica dessas ferramentas.

Essa carência de validação, apontada por Oliveira e Santos (2023), é uma preocupação central, pois aplicativos sem embasamento científico podem induzir os cuidadores a erro, seja por fornecer informações incorretas ou por falhar em identificar sinais de alerta. A falta de envolvimento de profissionais de saúde no desenvolvimento, também destacada pelos autores, contribui para essa lacuna, resultando em ferramentas que podem não atender às reais necessidades clínicas ou aos protocolos de saúde vigentes.

Essa falta de validação está frequentemente ligada à origem dos aplicativos. Muitos são desenvolvidos por empresas de tecnologia com foco comercial, priorizando a usabilidade e o design para atrair downloads, em detrimento do rigor científico (Oliveira; Santos, 2023). Isso cria uma tensão entre os objetivos de mercado (monetização, coleta de dados) e os objetivos de saúde pública (promoção da saúde baseada em evidências, equidade). Como aponta Carvalho e Lima (2020), os sistemas públicos de saúde enfrentam o desafio de regular esse mercado ou desenvolver suas próprias soluções, que, embora cientificamente robustas, muitas vezes carecem de financiamento para competir em usabilidade e marketing.

Uma limitação metodológica prevalente nos artigos selecionados foi o predomínio de estudos de caráter descritivo ou com desenhos pré-experimentais (antes-depois) e amostras de conveniência. Poucos estudos apresentaram desenhos robustos, como ensaios clínicos randomizados, que são o padrão-ouro para avaliar a efetividade clínica. Além disso, o tempo de acompanhamento (follow-up) dos usuários foi geralmente curto, impedindo a avaliação dos impactos de longo prazo dessas ferramentas na saúde infantil ou na mudança de comportamento dos cuidadores.

A análise dos resultados permite compreender que o uso de aplicativos móveis para a saúde infantil representa uma estratégia promissora para aprimorar o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, mas ainda enfrenta desafios importantes para sua consolidação nos serviços de saúde.

Um desafio crítico adicional é a questão da privacidade e segurança dos dados. Ao lidar com informações de saúde de menores, os aplicativos devem seguir rigorosamente as legislações vigentes, como a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) no Brasil (Brasil, 2022). A OMS (World Health Organization, 2021)

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

também alerta para a necessidade de diretrizes claras sobre a propriedade, armazenamento e compartilhamento desses dados, garantindo que a tecnologia não exponha as famílias a riscos de privacidade. Muitos dos aplicativos analisados, especialmente os de origem comercial, falham em fornecer termos de uso claros sobre essa proteção.

Conforme destaca a Organização Mundial da Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021), a integração de tecnologias digitais deve ser acompanhada de políticas de segurança da informação e de capacitação das equipes de saúde, assegurando o uso ético e eficaz dessas ferramentas. No contexto brasileiro, a incorporação dos aplicativos aos sistemas de informação, como o e-SUS AB, pode favorecer a continuidade do cuidado e a melhoria da vigilância em saúde.

A integração com o e-SUS AB, citada como ideal (Brasil, 2022), é um dos maiores desafios técnicos e logísticos. A interoperabilidade – capacidade de diferentes sistemas trocarem dados de forma fluida – é fundamental. Sem ela, os dados registrados pelo cuidador no aplicativo ficam "ilhados", não alimentando o prontuário eletrônico da criança na Unidade Básica de Saúde. Isso gera duplicidade de trabalho para os profissionais (que precisam redigitar os dados) e impede que o sistema gere alertas epidemiológicos ou de acompanhamento de forma automatizada, limitando drasticamente o potencial da *mHealth* na gestão do cuidado em saúde pública (Silva; Freitas; Lopes, 2022).

Além dos aspectos tecnológicos, é essencial considerar o contexto social e educacional das famílias. A baixa alfabetização digital e o acesso limitado à internet, especialmente em áreas rurais, constituem barreiras que podem restringir o alcance das soluções móveis. Nesse sentido, o papel do enfermeiro e da equipe multiprofissional torna-se central para promover o uso orientado e responsável dos aplicativos.

Como discutido por Carvalho e Lima (2020), essas barreiras de acesso criam um paradoxo: a tecnologia que poderia reduzir iniquidades acaba, por vezes, ampliando-as. A implementação de *mHealth* na atenção primária, portanto, não pode se limitar à disponibilização do software; ela exige políticas públicas de inclusão digital e estratégias de capacitação comunitária. O profissional de saúde atua como um mediador essencial, "traduzindo" a tecnologia para o contexto do usuário e adaptando seu uso à realidade local.

É importante notar também que a maioria dos aplicativos analisados na literatura foca na puericultura geral – vacinas, crescimento e desenvolvimento (Fernandes; Nascimento; Costa, 2022; Lima et al., 2021). Há uma lacuna no que tange a aplicativos voltados para o manejo de condições crônicas na infância, como asma, diabetes tipo 1 ou transtornos do neurodesenvolvimento.

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

Ferramentas digitais que auxiliassem no monitoramento glicêmico, no registro de crises asmáticas ou no apoio a terapias comportamentais poderiam ter um impacto significativo na qualidade de vida dessas crianças e suas famílias, representando um campo vasto para futuras pesquisas e desenvolvimento.

Os resultados também reforçam a importância de que os desenvolvedores de aplicativos envolvam profissionais de saúde na fase de criação e validação dos produtos. Aplicativos baseados em evidências científicas e com linguagem acessível tendem a apresentar melhor adesão pelos cuidadores e maior impacto sobre os indicadores de saúde infantil.

Neste ponto, o papel da enfermagem, como destacado por Silva, Freitas e Lopes (2022), é duplo: atuar como validador do conteúdo clínico durante o desenvolvimento do app e, posteriormente, como educador na ponta, capacitando as famílias para o uso efetivo da ferramenta. A integração desses aplicativos aos registros eletrônicos de saúde, como o e-SUS AB mencionado (Brasil, 2022), é outro desafio logístico que precisa ser superado para garantir a continuidade do cuidado e evitar a fragmentação dos dados de saúde da criança.

Aprofundando a visão de Silva, Freitas e Lopes (2022), o enfermeiro da Atenção Primária é o profissional ideal para liderar esse processo de letramento digital em saúde. A consulta de puericultura torna-se um momento oportuno não apenas para verificar o calendário vacinal ou o crescimento, mas também para orientar sobre quais aplicativos são confiáveis e como usá-los para complementar o acompanhamento profissional. Esta mediação humana é insubstituível e garante que a tecnologia seja aliada, e não uma fonte de ansiedade ou desinformação para os cuidadores (Santos; Oliveira, 2023).

Diante dessas lacunas, a discussão aponta para recomendações claras para pesquisas futuras. Há uma necessidade urgente de estudos longitudinais e ensaios clínicos que meçam desfechos de saúde concretos (ex: redução de hospitalizações, melhoria de índices antropométricos) e não apenas a satisfação ou o engajamento do usuário. Além disso, futuras pesquisas devem focar no desenvolvimento e validação de aplicativos em colaboração direta com usuários e profissionais da Atenção Primária, garantindo que as ferramentas sejam culturalmente adequadas e respondam às necessidades reais dos serviços de saúde pública, como o SUS.

Assim, as discussões evidenciam que o uso de tecnologias móveis na saúde infantil deve ser visto como complementar ao cuidado presencial, fortalecendo o vínculo entre famílias e serviços, ampliando o acesso à informação e promovendo práticas de cuidado mais participativas e informadas.

6. Considerações Finais

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

A presente revisão de literatura evidenciou que os aplicativos móveis constituem ferramentas inovadoras e potencialmente eficazes para o monitoramento e acompanhamento da saúde infantil. Os estudos analisados demonstram que tais tecnologias podem contribuir para o fortalecimento da atenção primária, ampliando o acesso à informação, estimulando o autocuidado e favorecendo a adesão das famílias às ações de promoção da saúde e prevenção de agravos.

Observou-se que os aplicativos voltados ao acompanhamento do crescimento (Fernandes; Nascimento; Costa, 2022), controle vacinal (Lima Et Al., 2021) e educação em saúde (Santos; Oliveira, 2023) se destacam por apresentarem resultados positivos no engajamento dos cuidadores. Contudo, a efetividade dessas ferramentas é moderada por desafios significativos. A carência de validação científica rigorosa (Oliveira; Santos, 2023), as fragilidades na proteção de dados (Brasil, 2022) e, principalmente, as barreiras estruturais de acesso e letramento digital (Carvalho; Lima, 2020) são obstáculos que impedem sua plena implementação e potencial de reduzir iniquidades em saúde.

Os achados reforçam que a tecnologia, por si só, não altera desfechos. Sua implementação deve ocorrer de forma integrada às práticas profissionais, não substituindo o cuidado presencial, mas complementando-o. O papel do profissional de saúde, em especial da enfermagem (Silva; Freitas; Lopes, 2022), como mediador, educador e validador dessas ferramentas, é insubstituível. A incorporação dos aplicativos móveis nas políticas públicas de saúde infantil requer, portanto, planejamento estratégico que envolva infraestrutura, interoperabilidade com sistemas como o e-SUS AB e capacitação contínua das equipes.

Este estudo, sendo uma revisão narrativa, possui limitações inerentes ao método, como a não exaustão das bases de dados e a seleção intencional do material, o que pode não capturar a totalidade das evidências. Conclui-se que os aplicativos móveis são promissores, mas sua consolidação no Sistema Único de Saúde depende de avanços tecnológicos e, fundamentalmente, de políticas públicas que garantam equidade no acesso e uso ético da informação. Sugere-se que novas pesquisas, com desenhos metodológicos robustos, avaliem o impacto clínico e a custo-efetividade dessas ferramentas no contexto brasileiro.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia de Saúde Digital para o Brasil 2020–2028**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 20 out. 2025.

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br

CARVALHO, M. R.; LIMA, G. F. Desafios e perspectivas da saúde móvel no Brasil: revisão narrativa. **Revista Brasileira de Saúde Digital**, v. 3, n. 1, p. 15–27, 2020.

FERNANDES, A. P.; NASCIMENTO, R. T.; COSTA, L. F. Aplicativos móveis no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil: revisão integrativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 30, n. 2, p. 1–10, 2022.

LIMA, V. C. et al. Impacto do uso de aplicativo digital para controle vacinal infantil: estudo de intervenção em atenção primária. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 9, e00234521, 2021.

OLIVEIRA, J. S.; SANTOS, M. C. Avaliação de aplicativos de saúde infantil disponíveis em língua portuguesa: análise de qualidade e usabilidade. **Revista de Enfermagem e Saúde Digital**, v. 4, n. 1, p. 44–58, 2023.

SANTOS, M. C.; OLIVEIRA, J. S. Educação em saúde mediada por aplicativos móveis: contribuições para o cuidado infantil. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, v. 12, n. 3, p. 112–123, 2023.

SILVA, D. A.; FREITAS, R. S.; LOPES, A. C. Tecnologias digitais no cuidado infantil: potencialidades e desafios para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 5, e20220125, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global Strategy on Digital Health 2020–2025**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 20 out. 2025.

1. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, deyvid.linhares@alu.fpo.edu.br
2. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, dilene.fontinele@fpo.edu.br
3. Doutoranda, mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, rosangela.cavalcante@fpo.edu.br
4. Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, aurelia.teixeira@alu.fpo.edu.br
5. Mestra, docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Faculdade Princesa do Oeste, amanda.luiza@fpo.edu.br